
Dossiê: O Brasil, a América Latina e a Segunda Guerra Mundial

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.49668>

Iconografia da Vitória: imagens da Segunda Guerra Mundial na Revista *Em Guarda* (1941–1945)

**Victory Iconography:
Images of World War II in the *Em Guarda* Magazine (1941–1945)**

**Iconografía de la Victoria:
Imágenes de la Segunda Guerra Mundial en la Revista *Em Guarda* (1941–1945)**

Aline V. Locastre^{*}
<https://orcid.org/0000-0001-7575-012X>

Roger D. Colacios^{**}
<https://orcid.org/0003-2261-3695>

Wilson de Oliveira Neto^{***}
<https://orcid.org/0002-6439-661X>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a análise das imagens utilizadas na revista *Em Guarda*, entre os anos de 1941 e 1945, que retrataram as conquistas dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Sabidamente, este conflito produziu um imenso universo imagético, advindos de ambos os lados dos campos de batalhas, e que estes foram utilizados para a propaganda de guerra, difundidos em revistas direcionadas para a leitura cotidiana do cidadão fora do front de guerra. A intenção é compreender como as imagens, em sua maioria fotografias, contribuíram nos processos de persuasão, característicos deste tipo de meio comunicacional, em seus aspectos políticos. Assim, os elementos que compõem essas imagens fazem parte de sua visualidade, também em seus ocultamentos, seleções e possíveis enquadramentos, marcando as escolhas editoriais, que muitas

* Professora do ProffHistória/UEMS e do curso de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Publicou o livro *Seduções Impressas: a veiculação do paradigma estadunidense no Brasil em tempo de Segunda Guerra Mundial* em 2017. Atua na área de estudos sobre Segunda Guerra Mundial, Política de Boa Vizinhança, Opinião Pública e TICs. E-mail: alinelocastre@uems.br

** Professor do Programa de Pós-graduação em História (PPH/UEM) e do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Tem publicações sobre História Política e do Tempo Presente, neoliberalismo e meio ambiente. Atua na área de estudos sobre cultura visual, meio ambiente e contemporaneidade. E-mail: rdcolacios@uem.br

*** Professor adjunto do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Pesquisador especializado em História e Patrimônio Militar, com ênfase no Brasil nas guerras mundiais e fascismo histórico. É autor do livro *As batalhas da FEB* (Juruá Editora, no prelo). E-mail: wilhist@gmail.com

vezes davam ênfase a uma determinada ideologia. Os resultados esperados são da ordem de uma maior compreensão dos fluxos informacionais, dos enviesamentos dos meios comunicacionais, das formas de manipulação que tais revistas e suas imagens poderiam ajudar no direcionamento da opinião pública em seus respectivos países, no caso, a população brasileira.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Revista *Em Guarda*. Memória. Propaganda de guerra. Opinião Pública.

ABSTRACT: This article aims to analyze the images published in *Em Guarda* magazine between 1941 and 1945 that portrayed the Allied victories in World War II. It is well known that this conflict produced a vast visual universe from both sides of the battlefield, widely used for wartime propaganda and disseminated through magazines intended for everyday reading by civilians far from the front lines. The objective is to understand how these images, mostly photographs, contributed to processes of persuasion—characteristic of this type of communication medium—particularly in their political dimensions. The elements that compose these images are part of their visuality, including what is hidden, selected, or framed, reflecting editorial choices that often emphasized a particular ideology. The expected results involve a deeper understanding of informational flows, media bias, and the forms of manipulation through which such magazines and their images helped shape public opinion in their respective national contexts—in this case, the Brazilian population.

Keywords: World War II. *Em Guarda* Magazine. Memory. War Propaganda. Public Opinion.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar las imágenes publicadas en la revista *Em Guarda* entre los años 1941 y 1945, que retrataron las conquistas de los Aliados durante la Segunda Guerra Mundial. Es bien sabido que este conflicto produjo un vasto universo visual desde ambos lados del campo de batalla, ampliamente utilizado como propaganda de guerra y difundido en revistas dirigidas a la lectura cotidiana del ciudadano lejos del frente. El propósito es comprender cómo estas imágenes, en su mayoría fotografías, contribuyeron a los procesos de persuasión característicos de este tipo de medio de comunicación, especialmente en sus dimensiones políticas. Los elementos que componen estas imágenes forman parte de su visualidad, también en sus ocultamientos, selecciones y posibles encuadres, reflejando decisiones editoriales que muchas veces enfatizaban una ideología específica. Se espera que los resultados permitan una mayor comprensión de los flujos informativos, de los sesgos mediáticos y de las formas de manipulación a través de las cuales estas revistas y sus imágenes ayudaron a orientar la opinión pública en sus respectivos países, en este caso, la población brasileña.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial. Revista *Em Guarda*. Memoria. Propaganda de guerra. Opinión pública.

Como citar este artigo:

Locastre, Aline V., Roger D. Colacios, e Wilson de Oliveira Neto. “Iconografia da Vitória: imagens da Segunda Guerra Mundial na Revista Em Guarda (1941–1945)”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 2 (2025): 130-154.

Introdução

Em 2025, comemoramos os 80 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Embora temporalmente distante, seus reflexos foram sentidos ao longo das décadas seguintes ao seu término, conforme é possível constatar em Keith Lowe (2025), para o qual muitos dos nossos projetos, esperanças e medos são decorrentes da experiência histórica desse conflito. No agora, muitos desses reflexos continuam presentes e são cotidianamente reelaborados diante de tantas representações, memórias ou novas fontes que fomentam revisões, ampliações e análise sobre a maior Guerra das últimas décadas.

A produção e a circulação de imagens visuais foram características marcantes da Segunda Guerra Mundial, em particular, nos esforços de guerra dos países beligerantes que mobilizaram seus respectivos meios de comunicação para uma guerra de imagens. Mais que peças de publicidade de guerra, a iconografia produzida se tornou, após o fim do conflito, marcadores de uma memória pública, especialmente, da aliança anglo-americana sobre a guerra, em que prevalece uma representação sobre a vitória dos Aliados na Normandia e, posteriormente, a gradual queda do regime nazista a partir de 1944, como o ponto de virada do conflito e o seu fim. Embora o cinema tenha um peso relevante nessa construção, uma vez em que, a partir da grande indústria cinematográfica estadunidense em *Hollywood*, um discurso favorável às suas versões sobre a História prevaleçam, outros produtos culturais também ressaltam apenas a contribuição Aliada paralelamente ao apagamento da luta e do crucial papel da URSS para o fim da guerra, como por exemplo, o fotojornalismo e as histórias oficiais a respeito da Segunda Guerra Mundial publicadas a partir do pós-guerra. Com a Guerra Fria e o acirramento das tensões capitalismo/comunismo, uma única perspectiva foi privilegiada no Ocidente e compreendemos que, afora o meio acadêmico, seja de difícil compreensão de grande parte das pessoas que foram as forças comunistas as que mais perderam vidas no *front* de guerra e posteriormente, foram decisivas na vitória sob os nazistas na frente leste europeia, palco de uma das mais dramáticas e mortais frentes de batalha (Beevor 1998; Coggiola 2015; Ferraz 2022; Visentini 2025).

Assim, quando nos deparamos com os materiais impressos distribuídos no Brasil pelos EUA durante o conflito, consideramos que os avanços soviéticos e suas vitórias passaram por uma dupla censura: seja por meio das orientações contundentes advindas do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), seja do modo mais sutil como operava a propaganda de guerra estadunidense. E as imagens sobre o fim do conflito ainda se perpetuam como a epopeia anglo-americana em sua defesa pela liberdade, uma vez em que, esgotados os seus usos como propaganda de guerra, essas

imagens, muitas das quais icônicas, se tornam meios de ilustração das narrativas ocidentais canônicas sobre a Segunda Guerra Mundial, não sendo problematizadas, muito menos criticadas.

Este artigo, portanto, busca analisar como a revista *Em Guarda* contribuiu com uma construção visual da Segunda Guerra Mundial, que operava em uma valorização da aliança anglo-americana e refletia escolhas editoriais e estratégias de persuasão alinhadas ideologicamente à propaganda estadunidense. Os efeitos duradouros na memória histórica brasileira possuem relação direta com um período em que a aliança do Brasil com os Estados Unidos foi firmada, contribuindo para a prevalência dos conteúdos disseminados por agências de notícias e revistas como a *Em Guarda*. Buscamos, assim, contribuir para o debate historiográfico que pensa as visualidades da guerra, os mecanismos de persuasão das mídias e seus efeitos duradouros na construção da opinião pública no Brasil.

Guerra e imagem: caminhos teóricos

Compreender a propaganda em tempos de guerra é, sobretudo, um exercício complexo sobre dimensionar a difusão de conteúdo, em termos de recepção e circulação, em um estado de exceção. Guerras rompem com a normalidade social e institucional, instauram um ambiente regido pelo medo, incertezas e traumas, influenciando nos modos como a realidade pode ser compreendida. No caso da Segunda Guerra Mundial, essas condições foram intensificadas, pois se tratou de um conflito total em todas as suas dimensões, conforme afirmou Reinhard Koselleck (2014). Em contextos distintos, os meios de comunicação, acabam por desempenhar um papel estratégico: são cruciais para a construção de sentidos, mobilização de emoções e direcionamento da opinião pública, residindo aí o controle ostensivo sobre seus meios e sujeitos pelas autoridades civis e militares dos países em luta durante o conflito, como constatou e descreveu Phillip Knightley (1978).

O rádio, o cinema, a imprensa e mais recentemente, a televisão e a internet, moldam representações que acabam por sustentar o moral da população, justificar ações militares e legitimar alianças políticas, como é possível perceber nas guerras em curso no Oriente Médio e na Ucrânia, em que a televisão e internet se tornaram as novas linhas de frente nos processos de informação e desinformação do público. Nesse sentido, vale a pena mencionar Byung Chul Han (2024), para o qual estamos inseridos em um regime de infocracia ditado por novos meios de comunicação que esvaziaram a reflexão pública, em fortalecimento da emoção, que nos conflitos militares é um componente essencial na conquista dos corações e mentes. As experiências ocorridas desde as duas primeiras guerras mundiais do século XX nos apontam que a eficiência da informação deve se

situar no mesmo patamar que a potência das armas: controlar a informação é tão vital quanto controlar territórios.

O jornalista estadunidense Walter Lippmann (2008), no primeiro pós-guerra do século XX, em 1921, já indicava uma relação conflituosa e mesmo promíscua entre os meios de comunicação e a guerra. Para o autor, a opinião pública era condicionada a acreditar nas informações que eram repassadas via imprensa e radiodifusão, sendo que na maioria das vezes estas representavam o enquadramento pré-definido por autoridades ou grupos sociais, portanto, uma notícia que era manipulada visando atender aos interesses de outrem. Lippmann (2008) apontava que a opinião pública era baseada em ilusões criadas pelos meios comunicacionais da época. Essa opinião era influenciada por um pseudo-ambiente, no qual as situações que eram retratadas estavam muito distantes da realidade vivida por cada receptor, criando imagens e estereótipos da realidade noticiada, uma forma fácil de manipulação do consenso público. Os recortes dados pelos meios de comunicação levavam a criação de uma opinião pública ilusória, pautada pelo encaminhamento que tais meios pretendiam e que atendiam as necessidades decorrentes dos esforços de guerra pelos países em luta.

No caso da Primeira Guerra Mundial, isso ficava evidente nas descrições noticiosas de batalhas ou de campanhas, que Lippmann (2008) reproduziu em seu livro, e que eram cotejadas com os relatórios oficiais dos militares. O jornalista, dentre várias situações relatadas por ele, chama atenção para um caso específico, durante a batalha de Verdun, em fevereiro de 1916, no qual a tomada de uma posição aliada pelos Alemães, o *Forte de Douaumont*, em 26 do referido mês, foi interpretada de maneiras diversas pelos comandantes do exército. Ninguém no quartel-general de *Chantilly* esperava pela notícia, já que o andamento da batalha contava outra história. Assim, Lippmann (2008) descreve que, após confirmada a notícia, a solução inicial encontrada foi criar uma imagem fantasiosa da situação que trazia uma verdadeira luta entre ambos os exércitos pelo domínio da posição, com perdas de vidas, no entanto: “O que de fato tinha acontecido [...]”, nos diz Lippmann (2008, 48), “[...] diferia tanto do relato francês quanto do alemão [...]”, no qual devido a um descuido dos soldados franceses que ocupavam o forte, um grupo de alemães entrou pela porta aberta e fez todos prisioneiros, e alvejaram a posição francesa nas colinas ao redor, causando surpresa nos comandantes. No entanto, o comunicado da batalha pelo forte não foi desmentido pelo quartel-general, mantendo-se nas notícias do *front* por vários dias, somente sendo esquecido a pedido do comitê de imprensa do exército francês, pois as dúvidas sobre o andamento da batalha por *Douaumont* estavam se acumulando na opinião pública (estoque de munição, alimentos, contingente etc.).

Lippmann (2008) atribui a criação de uma realidade imaginada, neste caso, como uma forma de garantir a doutrina de guerra francesa, pautada pela perspectiva do *atrito* e não pelo *movimento*, que perdurou até meados de 1917. Para o jornalista estadunidense, tratava-se de manter a propaganda de guerra nos termos determinados pelo comando francês:

Aprendemos a chamar isto de propaganda. Um grupo de homens, que pode impedir o acesso independente a este evento, manipula as notícias sobre o mesmo para adequá-las a este propósito. Que o propósito neste caso seja patriótico não altera o argumento. Eles utilizaram seu poder para fazerem os públicos aliados verem os fatos da forma que eles desejavam que fossem vistos (Lippmann 2008, 50).

Tratava-se de manter viva, no público, a perspectiva de que a análise da guerra por parte do comando era exata. Que não ocorreu um equívoco na forma de compreensão da batalha, ao contrário, que o exército francês estava executando corretamente a estratégia necessária para ganhar dos alemães: “Através de seu controle sobre todas as notícias do *front*, o Estado-Maior modifica a visão dos fatos que comportam essa estratégia” (Lippmann 2008, 50). É o controle da informação, dos relatos, das imagens e das notícias que conduz o público a manter o moral e a crença na capacidade de condução do conflito traçada por seus líderes. O que se destaca disso, é que se trata de uma forma de manipulação da realidade e consequentemente da opinião pública, distorcendo a percepção do público, numa luta simbólica pelo imaginário social e seu controle (Lippmann 2008).

A formação de consensos em períodos de guerras perpassa por esses processos de manipulação da opinião, tornando as informações noticiadas por diversos meios de comunicação um instrumento de recorte e distorção da realidade. O que Lippmann (2008) quis dizer foi que a desinformação não era originada apenas do lado inimigo, mas de dentro da própria caserna. O controle, pela desinformação ou mesmo pela censura, eram armas eficazes dentro da própria nação para que poucos soubessem exatamente o que estava realmente acontecendo no campo de batalha. “Acesso ao ambiente real precisa ser limitado. [...]. Por certo tempo, as pessoas que têm acesso direto podem interpretá-lo mal, a menos que se possa decidir onde eles podem olhar, e o quê [...]” (Lippmann 2008, 51).

Nos processos de criação daquilo que foi denominado pseudo-ambiente, ou seja, a desinformação ou as informações parciais que perpassam a opinião pública, as notícias teriam o papel de criar um ambiente informacional fictício, no qual uma perspectiva enviesada do tema ou assunto em pauta seria transmitido para o público. O pseudo-ambiente seria responsável por criar opiniões parciais, estereótipos e pré-conceitos que serviriam para a mobilização deste mesmo público em torno de determinada posição política ou social, com a capacidade de manipular a opinião pública para direcionar a um determinado viés de compreensão da realidade (parcial) noticiada (Lippmann 2008).

A notícia do cerco inimigo ao *Forte Donaumont* durante a Primeira Guerra Mundial e a posterior rendição dos Aliados foi tratada de forma que não houvesse a criação de um sentimento negativo, de derrota ou de fracasso dos exércitos. Ao contrário, a notícia tinha que manter informado o público e ao mesmo tempo não permitir que entendessem o que quisessem, mas apenas o lado positivo da campanha militar. Lippmann (2008) cita vários casos parecidos, nos quais houve uma deturpação da informação, onde os meios comunicacionais atuaram para atender a demanda dos chefes militares ou políticos, de forma a direcionar a opinião pública para determinado objetivo.

A constatação desse autor coincide com outros estudos sobre os meios de comunicação de massa, por exemplo, na teoria da *Agenda Setting* de Maxwell McCombs (2009), no trabalho de Noelle-Neumann (2017) sobre a *Espiral de Silêncio*, ou nas discussões sobre *Gatekeeper*, no jornalismo. De toda forma, o que isso denota é a relação intrínseca entre o fato noticiado e sua transmissão pelos meios de comunicação como um processo de escolhas, diretrizes e enviesamentos político-ideológicos. Os grupos dominantes, aqueles que detém o controle da grande imprensa, exercem um poder de censura e determinação do que será levado de informação para o público em geral. São escolhas realizadas a partir do corte de classe social, das relações de poder exercidas nas sociedades contemporâneas, na qual a informação é um instrumento de domínio sobre o público.

Esses recortes estão presentes nos textos das notícias, nos enredos dados pelos jornalistas e editores, nas fotografias e demais imagens escolhidas para comporem as páginas dedicadas à determinados temas. Existe um conjunto de elementos que se combinam para criar a notícia, o fato noticioso, sendo esse pseudo-ambiente que o público irá se basear para formar sua opinião. Apesar das ressalvas existentes nos estudos sobre Recepção, que enxergam no receptor uma função ativa nos processos da comunicação e da informação, a exemplo do trabalho de Jesús Martín-Barbero (2009), essa função ativa não significa exatamente uma total liberdade na composição, por parte do receptor, das formas como a informação é por eles compreendida. As mídias exercem ainda assim uma posição de mediação do conhecimento.

A intensa propaganda das forças do Eixo e dos Aliados é um aspecto a ser considerado durante a Segunda Guerra Mundial. Neste cenário ocorre, quase que invariavelmente, a junção entre notícias e propaganda, uma mistura que eleva grau de manipulação nos processos de persuasão voltado para a opinião pública por parte dos meios de comunicação. Nos Estados Unidos, destacaram-se duas organizações cruciais para a construção e difusão de conteúdos noticiosos para civis e militares durante a Segunda Guerra Mundial: o *Office of War Information (OWI)*, que atuou nos Estados Unidos e na Europa e o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*

(OCLAA), que atuou, principalmente, na América Latina. Embora suas funções estivessem voltadas especialmente à propaganda, optou-se pelo termo *information* para denominar suas atividades, uma estratégia semântica que visava afastar o conceito das conotações negativas que ele adquiriu desde a Primeira Guerra Mundial. Naquele contexto, a atuação da *Committee on Public Information* (CIP), também conhecida como Comissão Creel, evidenciou os riscos do uso explícito da propaganda, gerando, já no entreguerras, um intenso debate sobre seu uso em sociedades democráticas e o seu potencial para práticas autoritárias (Proulx 2014).

O estudo das imagens que são produzidas e divulgadas pelos meios comunicacionais durante uma guerra é crucial para entendermos os mecanismos mobilizados pelos distintos agentes para consolidação da opinião pública. O que se sabe ou que se espera de uma guerra é representação. Paul Virilio (2005, 24) afirma que “[...] não existe guerra sem representação, nem arma sofisticada sem mistificação psicológica”, que traçam as imagens que se fazem durante e sobre as guerras como pontos elementares da percepção sobre as mesmas. Podemos considerar que a Segunda Guerra Mundial foi travada no terreno da comunicação. A *logística da percepção* tornou-se crucial para os êxitos militares e os resquícios desta ampla ofensiva comunicacional, hoje incorporam o vasto patrimônio documental dela originária que se concentram em um número extenso de fotografias, vídeos, filmes, *cartoons*, quadrinhos, panfletos, programas de rádio entre outros.

As tecnologias audiovisuais, especialmente, nos permitem uma aproximação com a guerra, com a *dor dos outros*, como abordou Susan Sontag (2003). Por meio de lentes modernas e técnicas utilizadas, buscou-se uma aproximação do observador ao objeto. Por meio desse recurso, um acontecimento que estava distante espacialmente tornou-se visível ao que antes era apenas imaginação. A dor, o medo, o luto, a angústia e a injustiça se mostraram reais. Diante do sofrimento do outro, tantas vezes desconhecido, reações distintas despertavam no observador a empatia, a imobilidade e o silêncio. Para além de todas as sensações despertadas, havia uma certeza sendo corroborada: aquilo de fato estaria acontecendo.

Para o historiador, as imagens compõem, juntamente com outras tipologias de evidências do passado, um panorama rico que nos permite entender as diversas nuances do que se busca compreender. Entretanto, como aponta Peter Burke (2017), recorrer a este tipo de fonte nos levaria, inevitavelmente, a considerar que imagens não são o retrato fiel do passado, mas expressão de intenções e perspectivas. Há falsificações, montagens de cenas, enquadramentos e técnicas múltiplas, conforme os interesses de quem produz (fotógrafo, cineasta, desenhista etc.), editores, editoras, encomendas e outros tantos contextos. Reforçam ou contradizem o que o texto escrito

mostra e oferece a quem está distante no espaço e no tempo algum “senso de experiência” (Burke 2017).

Observar as fotografias publicadas em revistas como a *Em Guarda* torna-se uma oportunidade para refletir sobre as estratégias de representação e seus limites. Judith Butler (2015), em *Quadros de guerra quando a vida é passível de luto*, argumenta que os enquadramentos visuais propostos a partir do Estado moldam a percepção pública sobre o valor das vidas humanas. Ditar um roteiro sobre como uma guerra será descrita nos meios de comunicação oficiais direciona o nosso olhar sobre o valor que os corpos possuem. Quem merece ser visto, quem é digno de luto e quem permanece invisível revelam este reflexo do poder que influencia na visibilidade. Assim, diante do alcance e dos sentidos que as imagens são capazes de mobilizar, entendemos que a discussão sobre as representações de guerra é atravessada, inevitavelmente, por muitos fatores: o poder, a memória, as expectativas, os medos. Considerar as fotografias sobre a Guerra requer dimensioná-las não apenas naquilo que elas retratam, mas também a partir de onde e para quais fins elas foram geradas.

Imagens vindas do exterior: guerra e propaganda no Brasil

O Brasil da década de 1940, que experimentava as benesses da radiodifusão e que lia sobre os mais distintos assuntos em jornais e revistas, era ainda muito dependente das notícias sobre a guerra que chegavam pelas agências de notícias estrangeiras. O papel que os Estados Unidos exerceram neste momento foi crucial, pois supriu os meios de comunicação do país com informações do conflito, considerando que a imprensa brasileira era dependente deste tipo de conteúdo, principalmente após o rompimento das relações com o Eixo.

Mesmo sob controle do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que exigia uma autorização para atuar no país, a imprensa brasileira recebia informações sobre a guerra por meio de diversas agências de notícias internacionais, entre elas a sucursal brasileira das Estradas de Ferro Alemãs (RDV), localizada na cidade do Rio de Janeiro, na época, Distrito Federal, incluindo a *German Transocean Agency* e *Deutsches Nachrichtenbüro* (Alemanha), *Associated Press* e *United Press* (Estados Unidos), *Reuters* (Reino Unido) e *Stefani* (Itália). Com a proibição de agências vinculadas aos países do Eixo, em 1942, os meios de comunicação nacionais foram beneficiados com notícias vindas, especialmente, dos Estados Unidos (Locastre 2017; Oliveira Neto 2019). Por meio da aproximação com esse país, pela Política da Boa Vizinhança, o *Office of the Coordination of Inter-American Affairs (OCIAA)*¹ enviava conteúdos para serem distribuídos aos periódicos e emissoras

¹ O OCIAA, dispondo de diversos recursos, desde programas de rádio, filmes, panfletos, mostras de Arte, tradução de livros, difundiu uma imagem de unidade hemisférica, de luta conjunta contra o Eixo e de um progresso material

de rádio nacionais, como o *Airmail Feature and Radio Service Letter*, que forneceu material para mais de 800 periódicos latino-americanos durante a Guerra (NACP, 1943). Ainda sobre o *OCLAA*, é importante mencionar a distribuição em larga escala de material fotojornalístico acerca do conflito, originalmente produzido pelos fotógrafos do *US Army Signal Corps* nas diversas frentes de combate dos Estados Unidos. No Brasil, ele era distribuído para a imprensa nacional pelas agências Interamericana e Serviço de Informações do Hemisfério (SIH), sendo publicados em revistas e jornais de todo país.

Somando-se à proibição das agências de notícias alemãs, italianas e japonesas, havia a proibição da propaganda comunista no Brasil. Como aponta Rodrigo Sá Motta (2002), desde a Intentona Comunista, em 1935, o anticomunismo havia se intensificado no país. Havia uma preocupação, especialmente entre os conservadores, das relações do movimento brasileiro e sua ligação aos grupos comunistas estrangeiros, especialmente da União Soviética. Assim, intensificou-se na imprensa da época menções negativas sobre o comunismo, principalmente porque nas décadas anteriores esta ‘ameaça’ parecia algo muito distante dos brasileiros, um ‘terror’ que se abatia somente sobre os soviéticos (Motta 2002). No governo de Getúlio Vargas, o comunismo passou a ser tratado como um problema interno, mantendo a decisão oficial que o país havia tomado sobre o não reconhecimento diplomático da URSS, desde a revolução em 1917.

João Pitulo e Luiz Edmundo Tavares (2022) demonstram que houve a minimização da cobertura jornalística em relação às contribuições da URSS no esforço de guerra aliado pela imprensa nacional. Especialmente, como um resultado da agenda política varguista, na qual o DIP conduzia a censura em diversas instâncias, periódicos de grande circulação da época como o Diário Carioca e o Correio da Manhã que ofereciam ao público brasileiro informações parciais sobre o que se passava nas frentes de combate. De modo a impedir que o conteúdo publicado pudesse tornar propaganda pró-soviética, algumas coberturas chegaram a salientar mais informações sobre as forças do Eixo, especialmente sobre o avanço do exército nazista. O livre trânsito dessas notícias contrastava com a censura a discursos, mapas, fotografias, charges e demais conteúdos relacionados ao Exército Vermelho.

A partir do que trouxe Paul Virilio (2005), que os regimes modernos de guerra também operam por meio de uma *logística da percepção*, salientamos que esta busca pelo controle dos modos de ver e interpretar o mundo são pontos imprescindíveis aos conflitos desde o século XX e facilitados pela popularização dos meios de comunicação de massa. As potências do Eixo, e aqui

viável em um cenário pós-guerra, enquanto conteúdo oficial. Nos bastidores, buscava-se obter informações sigilosas, mapear as comunicações, vias aéreas, compreender gostos e aptidões e garantir um mercado para os produtos estadunidenses, ampliando sua hegemonia continental. (Tota 2000; Valim 2017; Sadlier 2012)

destacamos a propaganda empreendida pelos nazistas na Alemanha, foi eficaz na disseminação de seus ideais ao povo alemão, quanto eficiente para mascarar o que de fato ocorria em campos de concentração. Nesse sentido, a seleção das imagens, somado à ocultação de determinados eventos, como as ações soviéticas na Frente Oriental, por exemplo, reafirmam a centralidade dada às ações estadunidenses e reflete uma disputa simbólica pela hegemonia narrativa do conflito.

Houve diversas recomendações sobre o tipo de conteúdo a ser veiculado durante a guerra e que não se limitavam às orientações do DIP sobre a União Soviética. As aproximações dos Estados Unidos com o Brasil por meio da Política da Boa Vizinhança também fomentavam imagens artificiais e exageradamente harmônicas das relações interamericanas, potencializando um conteúdo que suavizou as tensões raciais, sociais e políticas da época (Smith 2023). *Genevieve Naylor*, jovem fotógrafa estadunidense, por exemplo, que foi contratada pelo *OCLAA* para fotografar o Rio de Janeiro para uma mostra de Arte no MOMA, deveria registrar apenas locais como Copacabana, Jockey Club ou festividades frequentadas pela elite carioca. Além das orientações do *OCLAA*, o DIP também orientava seus cliques. Ao fugir do protocolo e se embrenhar em um Brasil mais interiorano (buscou registrar Minas Gerais e outros locais próximos ao “Velho Chico”), ressaltou um Brasil miscigenado, demasiadamente negro, pobre e religioso o que desagradou seus contratantes. Um dos responsáveis pela divisão brasileira do *OCLAA*, *Francis Alstock*, recusou a exibição de algumas de suas fotos e afirmou que a fotógrafa expôs um Brasil estereotipado e que este não seria o objetivo do programa (Mauad 2023). Nas entrelinhas podemos compreender como uma tentativa de apagamento das singularidades do país, composto por uma população miscigenada, desigual e rural, apagamento esse estimulado pela própria elite brasileira da época, que procurou americanizar-se, distanciando-se ainda mais do Brasil interiorano, retratado pela fotógrafa (Mauad 2023).

A Revista “*Em Guarda: para defesa das Américas*”, impressa pelo *Business Publishers International Corporation*, em Nova York, foi a principal publicação do *OCLAA*, que atuou na América Latina entre os anos de 1940 e 1946. Este escritório, que gerenciava as atividades interamericanas durante a Segunda Guerra Mundial, estava subordinado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos e envolveu diversas pessoas em todos os cantos do continente em atividades com fins econômicos, sanitários, educacionais e culturais. Funcionou entre os anos de 1940 e 1946 e teve como coordenador, em grande parte do tempo de existência, o herdeiro bilionário da *Standard Oil*, *Nelson A. Rockefeller*. Aliás, valendo-se de toda a experiência que a Fundação Rockefeller possuía em suas atividades na América Latina e em suas relações com grandes empresas e empresários, que *Rockefeller* se articula, desde a década de 1930, para estabelecer atividades voltadas à aproximação continental. A guerra foi o momento oportuno para isso. Assim, em uma junção da iniciativa

pública e privada, mais de 1.100 funcionários atuaram nos escritórios do *OCLAA*, sendo 13 deles apenas no Brasil. Com sede no Rio de Janeiro, a *Brazilian Division* contou com a direção de uma figura muito próxima a *Rockefeller* e às elites do café no Brasil: *Berent Friele*. Ele foi um intermediário importante nesta aproximação entre empresários e políticos de ambos os países (Tota 2000; Valim 2017; Locastre 2017; Sadlier 2012).

Assim, tomindo o material criado ou difundido nas Américas com vistas a estreitar as relações continentais, evitar o alinhamento dessas nações ao Eixo e garantir um mercado consumidor para o pós-guerra, compreendemos como esta política de contradições ocorreu a partir das imagens difundidas sobre a guerra. Selecioneamos a Revista *Em Guarda* e algumas das fotografias por ela veiculadas para pensar como a narrativa de uma vitória aliada, com ênfase na luta estadunidense, foi construída. Embora fosse um canal custeado por empresários e governo dos EUA, tal ênfase era esperada, porém, como veículo de informação em um período em que as notícias de guerra eram mais escassas, tal viés contribuiu para reforçar uma compreensão parcial e minimizadora do papel dos soviéticos na frente leste ou mesmo desfecho desastroso sobre o Japão, quando das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki não foram mencionadas na revista.

Planejada para divulgar os avanços da ofensiva aliada e sinalizar um futuro de vitória para os povos americanos, *Em Guarda* teve seu propósito declarado logo em seu primeiro editorial, com o destaque do discurso do presidente Franklin D. Roosevelt sobre a defesa da liberdade e democracia. Prática essa que permaneceria nas demais edições, ao destacar figuras políticas ou militares à frente das conquistas na guerra. Uma das figuras que recebeu grande destaque foi o General Eisenhower, que anos depois se tornaria o 34º presidente dos Estados Unidos e grande beneficiado de um capital político intimamente relacionado às vitórias das forças aliadas na Europa.

Impressa em Nova York e com traduções para o português, espanhol e francês, *Em Guarda: para a defesa das Américas* foi distribuída em larga escala na América Latina, alcançando, em 1943, uma tiragem de quinhentos e cinquenta mil exemplares (Rowland 1947). Com edições mensais, publicadas entre 1941 e 1945, textos e imagens eram de alta qualidade e as imagens coloridas que vez ou outra apareciam em seu interior, seguiam o mesmo padrão de publicações conceituadas como a *Life* ou o *Cruzeiro*, focando em um impacto visual das informações, indo ao encontro das convenções visuais da imprensa fotojornalística. Os conteúdos gráfico e textual reforçavam o poder bélico dos Estados Unidos e os objetivos de sua criação, articulando-se à mobilização dos Aliados e à construção de uma imagem idealizada do país norte-americano. Como aponta Locastre (2015), além de propagar a unidade hemisférica, a revista buscava apresentar os EUA como um modelo a ser seguido pelas nações latino-americanas, consolidando sua liderança simbólica na região e visando relações mais próximas (incluindo comerciais) para um pós-guerra.

Ao observarmos a circulação de imagens e informações durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil, notamos que há um papel determinante exercido pelas agências de propaganda estadunidenses, que se somavam ao controle exercido pelo governo Vargas dos conteúdos veiculados. Diante de um cenário marcado pela censura ao comunismo e fortalecimento das relações interamericanas sob a égide dos Estados Unidos, uma narrativa parcial sobre a guerra foi veiculada, especialmente, por meio de um repertório imagético, em que valores e protagonismos ocidentais foram potencializados. Ocorreu o silenciamento ou minimização dos feitos soviéticos em batalhas cruciais para a derrota das potências do Eixo enquanto a aliança anglo-americana era exaltada, mobilizando e legitimando por meio de mecanismos simbólicos uma versão da história compatível aos interesses estadunidenses no país, sendo esse repertório visual e elaborado que examinaremos a seguir.

***Em Guarda* e a memória pública sobre a Guerra**

Como salienta Ulpiano T. B. de Meneses (2003), toda imagem é ao mesmo tempo um texto, que precisa ser lido e interpretado a partir de seu ambiente de produção e de circulação. Assim, do mesmo modo que são representações daquilo que se pretende retratar, as intenções que nelas estão presentes também dividem espaço aos sentidos que elas recebem de quem as vê/lê. As fotografias apresentadas neste artigo, como representações mediadas e intencionais, não se limitam ao registro de um fato, como também constroem significados que ultrapassam os seus próprios limites concretos. Ao se rememorar um conflito como a Segunda Guerra Mundial, que foi amplamente noticiado e debatido ainda hoje, determinados olhares sobre seus desdobramentos ainda se ancoram a interpretações vinculadas a esses significados. Assim, ao analisar as imagens veiculadas pela revista *Em Guarda* e a similaridade que este conteúdo possui em relação à visão cristalizada no Ocidente sobre o papel definido dos Estados Unidos no desfecho que conhecemos, revela seu lugar como um instrumento ativo na construção de uma memória pública sobre o conflito.

As fotografias que compõem a revista *Em Guarda* tomam boa parte das páginas e são, em grande maioria, pretas e brancas. No entanto, as capas e algumas imagens específicas de seu interior são coloridas, seguindo o padrão das publicações fotojornalísticas da época. Não há propaganda comercial e os créditos das imagens são apresentados em uma única citação na contracapa. Assim, esta publicação mantém a linha inicial prevista: divulgar informações sobre a guerra, salientando o papel que os países do continente americano teriam na luta contra o Eixo. Os Estados Unidos, no entanto, eram retratados a partir de seu poder bélico e avanços tecnológicos e industriais. Também ressaltam valores morais como respeito, solidariedade e lealdade diante das demandas da nação em

guerra, salientando o trabalho árduo que todos os cidadãos estariam comprometidos, seja no *front* de guerra, seja no *front* doméstico.

O tipo americano que aparece na revista *Em Guarda* pertence ao grupo social historicamente dominante no que diz respeito ao poder político, econômico e cultural: os WASP (*White, Anglo-Saxon and Protestant*). Sejam civis ou militares, a população dos Estados Unidos, de modo praticamente majoritário, é representada por pessoas brancas. A fotografia a seguir traz operários da fábrica de aviões da Lockheed, na Califórnia e expõe alguns pontos pertinentes para observar: o primeiro diz respeito à escolha (consciente ou não) dos editores da revista *Em Guarda* em apresentarem os estadunidenses com ênfase aos homens e mulheres brancos. Também aponta para as diferenças sobre os postos de trabalho que exigiam maior qualificação profissional e que eram ocupados por brancos.



Figura 1: Os operários da fábrica dos famosos aviões Lockheed, na Califórnia, reúnem-se para ouvir a irradiação de uma mensagem de guerra do Presidente Roosevelt.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 1, n. 5, p. 36.

Alguns esforços ocorreram pelo governo Roosevelt para resolver a escassez de mão de obra no país durante a guerra, a partir de agências governamentais. Especialmente, pela *Fair Employment Practices Committee*, milhares de empregos, antes negados aos afro-americanos, foram ofertados. Postos que exigiam uma qualificação maior foram ampliados e o número de negros trabalhando para o governo federal subiu de 60.000 para 200.000 durante a Guerra (MacGregor e Morris Jr. 1981). Àqueles que passaram a integrar as forças armadas, as melhores possibilidades de qualificação, os salários mais altos e a melhor alimentação foram pontos relevantes para que

posições mais altas na sociedade fossem entendidas como urgentes. Merece destaque o papel que a imprensa negra exerceu, neste contexto, que contribuiu para a mobilização dos afro-americanos ao ressaltar a necessidade de se lutar contra a segregação racial.

A estes estadunidenses, WASP, muitas páginas já foram dedicadas. Em geral, mostrando corpos jovens e dedicados ao esforço de guerra, homens e mulheres foram representados com papéis também bem demarcados. O corpo masculino era símbolo de força e redenção e o da mulher, de cuidado e resiliência. Algumas reportagens mencionaram as mulheres que serviram como enfermeiras, ou em algumas cenas de cuidado com os soldados que retornavam para seu país. Também enfatizava-se o papel que as mulheres tinham na manutenção de seu lar, cuidado com os filhos, enquanto os homens estavam na frente de combate. Sempre afetuosa e zelosas, o lar era mantido por elas como um local sagrado ao qual, em breve, os combatentes retornariam. Do mesmo modo, ressaltava-se as mulheres que estavam nas fábricas substituindo a mão de obra deficitária e fotografias como as da Rosie, “*the riveter*”, são apresentadas. Embora a importância deste trabalho feminino seja pontuada, seus papéis de esposas e donas de casa também estavam presentes nos textos.



Figuras 2 e 3: *Miss Model Taylor* trabalha como rebitadeira de folhas de metal numa fábrica de aviões. *Miss Dossie Deeds* é outra perita no mesmo trabalho. Havia pouco tempo que elas aprenderam o ofício.

Fonte: *Em Guarda*, ano 2, n. 3, p. 31.

Apesar deste reconhecimento sobre a importância do papel das mulheres no esforço de guerra, sua representação na revista *Em Guarda* continua ancorada em papéis tradicionais. Por meio da visualidade apresentada, reforça-se a ideia de um protagonismo feminino, principalmente na indústria, como algo temporário, uma vez em que findada a guerra, retornariam ao lar. Este discurso reflete a opinião de grande parte dos estadunidenses da década de 1940, que apesar de aceitarem o trabalho feminino em ambientes até então inimagináveis para os parâmetros da época,

compreendiam essa inserção como crucial para a vitória nos *fronts* interno e externo. Em uma pesquisa de opinião realizada pela Gallup, em 1944, publicizou-se dado que 76% da população estadunidense preferia a convocação de 300 mil mulheres solteiras, com idades entre 21 e 35 anos, para funções não combatentes no Corpo Feminino do Exército (WACs), em vez de convocar homens casados e com filhos para a função. No entanto, quando perguntados, em outra pesquisa realizada pelo Opinion Research Corporation, também em 1944, sobre a permanência das mulheres nas fábricas no pós-guerra, 48% dos entrevistados eram favoráveis à sua demissão das fábricas e 36% defendiam a permanência delas apenas se os homens tivessem empregos abundantes ou essas mulheres fossem viúvas e precisassem daquele soldo. O que entendemos é que os lugares sociais ainda permaneciam muito marcados e o retorno ao lar e às suas funções tradicionais ainda circulavam enquanto um papel tipicamente feminino (Roper Center for Public Opinion Research 2015).

Embora as mulheres estivessem presentes e atuantes para um desfecho pró-Aliados, a vitória era, definitivamente, obra masculina. Dos líderes militares e políticos aos soldados que corajosamente enfrentavam os inimigos nas linhas de frente, a força, a combatividade, a sagacidade e a inteligência ficavam latentes nos conteúdos de *Em Guarda* como pertencentes ao gênero masculino. Mas além de todos esses atributos, o que diferenciava esses homens das forças aliadas, especialmente os estadunidenses, eram os seus valores e ideais. Nas fotos que retratam as zonas libertadas, as relações de afeto e benevolência com as populações locais eram sempre salientadas por meio das fotografias. Assim como a gratidão dessas populações aos seus libertadores eram, do mesmo modo enfatizadas. Essas representações presentes no fotojornalismo publicado na revista reforçam o discurso dos Aliados ocidentais, segundo o qual a Segunda Guerra Mundial seria uma cruzada pela libertação da Europa contra a barbárie representada pelo nazismo, uma guerra justa da liberdade e da democracia contra a escravidão e o totalitarismo.

A próxima imagem, em que foi retratado um casal de idosos franceses beijando um soldado estadunidense após a libertação da França, materializa simbolicamente a recepção calorosa e o reconhecimento europeu diante da presença militar dos EUA. Enfatizando uma cena que carrega uma forte carga emocional, juntamente a uma Figura que explicita a espontaneidade de um beijo “tradicional”, percebemos uma intencionalidade política na qual se legitima a intervenção aliada em um ato de salvação. Em poses de heróis libertadores, por meio de fotografias com enfoques afetivos, uma suavidade que contrastava com os horrores de uma guerra, eram deixados como lembranças de um passado que não buscavam mais repetir. O mundo, daquele momento em diante, parecia rumar para uma direção de mais humanidade e compaixão aos outros. Pelo menos é o que a visualidade desta imagem parece transparecer, ao aproximar o público latino-americano

dos valores que os Estados Unidos, por meio do *OCLAA*, mostravam defender: a liberdade, a solidariedade e uma liderança inquestionável de méritos para o pós-guerra.



Figura 4: Com este beijo tradicional, este casal de anciões franceses manifesta ao soldado norte-americano toda a sua alegria por ter sido libertado do jugo alemão.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 2, p. 41.

Para além das cenas da destruição que a guerra causou — e eram muitas imagens da destruição e dos escombros — cabe ressaltar a ênfase dada nas pessoas recém-libertadas. Além de gratas aos Aliados, elas demonstravam angústia diante do que passaram, embora refletissem, após a libertação, ponderadas sensações de esperança e de um olhar para o futuro. Mulheres, crianças e idosos eram os mais presentes nessas imagens, uma vez em que também eram os mais vulneráveis diante dos ataques e os que ficaram aguardando os milhares de combatentes retornarem. Um olhar ao passado, mas um aceno de expectativas em relação a um novo futuro ficava evidente. Nas próximas imagens, fica clara uma representação desses sujeitos como pessoas vulneráveis, piedosas e gratas, salientando os efeitos emocionais da libertação. Duas imagens exemplificam esta ideia, recorrente em outras imagens aqui não mencionadas. A primeira mostra (figura 5) os habitantes de Palazzolo, na Sicília, recebendo farinha das mãos de soldados britânicos. A Figura pontua que “os aliados libertam e alimentam”, salientando que a ajuda humanitária integra o movimento pela libertação militar. Mais uma vez essa iconografia reforça que para além da vitória sob o inimigo por meio de sofisticados armamentos e estratégias bem articuladas, os Aliados representariam a civilidade, a compaixão e a benevolência. Há um clima de gratidão dessas populações aos seus libertadores.

Outra fotografia (figura 6) retrata o silêncio de uma mulher francesa, em “profunda meditação” no interior da Catedral de Chartres, em um momento de introspecção e espiritualidade, sugerindo que a experiência da guerra havia sido traumática não apenas a ela. A busca por um novo

começo, a partir da presença dos Aliados, sugere que novos rumos poderiam ser traçados, não apenas políticos, como também morais. No entanto, a situação da Europa ocidental, após a Segunda Guerra Mundial, foi marcada por desemprego, deslocamentos internos e assentamento em campos de refugiados, violência e fome (Coggiola 2015, 240; Judt 2011). Em meio ao colapso do nazismo, diversas mobilizações populares, como greves e ocupações de fábricas ocorreram e o temor de revoluções mobilizaram os Aliados a instituir governos provisórios e coalizões amplas. Tanto a França como a Itália passaram por um processo de tensões sociais, instabilidades políticas e reconstrução material difícil. De Gaulle, na França, consolidou sua liderança a partir do apoio de setores militares, da resistência, entre parcelas da burguesia, de comunistas, além do apoio de parte das nações aliadas. Valorizou-se a narrativa da resistência e a marginalização de memórias da colaboração ao nazismo. No norte da Itália e na Europa Oriental, revoltas populares foram sendo, aos poucos, reprimidas e os novos governos, mesmo com a participação comunista, buscaram restaurar a autoridade estatal e evitar rupturas revolucionárias (Coggiola 2015).



Figura 5 (à esq.): Moradores da Palazzolo, na Sicília, completamente desprovidos de recursos, recebem farinha de trigo de soldados ingleses. Os aliados libertam e alimentam.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 3, n.1, p. 17.

Figura 6 (à dir.): Depois de dar graças a Deus pela libertação de sua pátria, essa mulher francesa permanece sozinha, em profunda meditação, na Catedral de Chartres.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 1, p. 41.

Há outro conjunto de fotografias que representa os soldados vencidos e vencedores, sendo os primeiros representados como resignados, rendidos e rebaixados. Estão sujos ou machucados, com expressões de dor, cabeças baixas e supostamente desesperançosos. Já os soldados aliados, especialmente os estadunidenses que constam nas fotos, mostram-se altivos, imponentes e limpos. Há esperança e perspectivas de futuro em seus rostos, acesso à universidade e uma reintegração em um país também de futuro, como os EUA se apresentavam. A retomada de

Paris e o desfile dos Aliados na *Champs Élysées* são uma referência ao desfile dos nazistas no mesmo local em junho de 1940, após a ocupação da cidade. Carregada com um simbolismo intenso, ela demonstra uma guerra praticamente vencida, de gradativa retomada à normalidade e com ênfase aos heróis libertadores.



Figura 7 (à esq.): A rendição incondicional! Conquanto Hitler e seus asseclas ordenassem a resistência até a morte e tentassem dividir os aliados para obter melhores condições de paz, os combatentes alemães iam-se rendendo aos milhares.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 7, p. 1.

Figura 8 (à dir.): Ao quarto dia da libertação, milhares de soldados norte-americanos desfilaram pelos Campos Elíseos, para logo prosseguiram no seu avanço contra a Alemanha. O General Bradley e o General Koenig, governador de Paris, depositaram flores no túmulo do Soldado Desconhecido, sob o Arco da *Étoile*.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 12, p. 21.



Figura 9 (à esq.): Nas faces destes dois ex-membros da Wehrmacht, engolfados como tantos outros pelo avanço aliado, observa-se o desânimo dos vencidos. Capturados durante a renhida batalha entre as sebes da Normandia, esperam resignadamente, à beira duma estrada, que seus captores os conduzam para a retaguarda.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 12, p. 29.

Figura 10 (à dir.): Oficiais e soldados, depois de deixarem o serviço das armas, novamente como civis, sobrando livros, para prosseguirem na sua preparação.

Fonte: *Em Guarda*, Ano 4, n. 1, p. 39.

Imagens como essas, nas quais destacam a derrota humilhante ou a vitória promissora e heroica, estão presentes, especialmente, nos dois últimos anos da revista *Em Guarda*, na qual a cobertura dos acontecimentos acompanhou os avanços e vitórias dos aliados. Os que foram rendidos demonstravam um completo abatimento e inércia. Não parecia existir mais possibilidades de uma virada e a falência do nazismo se mostrava uma realidade. Aos vencedores, honrarias e glória. Ao desfilar sob Paris, os estadunidenses se inscreviam como protagonistas de uma nova ordem mundial, representando um suposto projeto de futuro de mais civilidade, progresso material e democracia. Porém, o que a realidade do pós-guerra nos mostrou foi o acirramento de um intervencionismo mundial, especialmente como medida de contenção à União Soviética e busca pela influência geopolítica em diversos lugares, durante a conhecida Guerra Fria. As diversas intervenções econômicas, políticas e militares que ocorreram de maneira indireta, por meio de ações militares, apoio a regimes aliados, suporte a golpes militares e atos secretos revelaram a contradição da política externa estadunidense que se vale de um discurso em prol da democracia, mas, na prática, exercem uma política interna e externa movida por interesses econômicos e projetos de poder (Hobsbawm 2011).

Por fim, cabe mencionar o papel que a luta soviética na frente leste recebeu dentro da revista *Em Guarda*. Embora os avanços do Exército Vermelho nas principais batalhas tenham sido mencionados, não consideramos que a mesma ênfase dada aos feitos dos demais aliados tenha sido semelhante ao tratamento que vitórias cruciais empreendidas pelos soviéticos receberam. Primeiro, destacamos a reportagem que trata da vitória na Batalha de Stalingrado, evento imprescindível para o enfraquecimento do exército alemão, que iniciou o seu recuo, fez a Wehrmacht perder centenas de milhares de soldados e significou uma vitória moral para os aliados. Com o título: “Stalingrado, a Verdun Russa” (*Em Guarda*, ano 2, n.4), a reportagem que trata deste episódio comprehende três páginas, com imagens e texto que destacam a resistência de um povo contra o invasor alemão. O título faz uma alusão à batalha ocorrida entre França e Alemanha na Primeira Guerra Mundial em 1916, que embora longa e brutal, tornou-se um símbolo da resistência francesa, sendo esse o enfoque conferido ao evento: destaca-se a resistência russa, o “espírito” corajoso de um povo que lutava contra a brutalidade nazista. Nas três fotografias que compõem a matéria não são enfatizados os armamentos, lideranças militares ou os próprios integrantes do Exército Vermelho, como é comumente enfatizado em reportagens que tratam das campanhas estadunidenses ou de outros

aliados. Há um destaque aos escombros, à rendição de soldados alemães e da população anônima deixando os abrigos.

Em outra reportagem, intitulada “O começo do fim: evidencia-se o poder dos Aliados nas várias frentes de batalha”, possivelmente datada na metade do ano de 1943, algumas páginas são dedicadas a evidenciar os avanços na guerra pelos aliados e as regiões retomadas. Em 6 páginas, divididas por treze imagens e um extenso texto, poucas linhas referem-se à contribuição soviética, especialmente se considerarmos a importância da Batalha de Stalingrado:

Em 5 de julho, os nazistas lançaram a sua primeira ofensiva de verão contra os russos, o mundo aguardou os resultados com apreensão, por isso que as campanhas da Alemanha nos verões anteriores tinham se desenvolvido com uma velocidade esmagadora e tinha sido sustadas somente depois de grande perda de homens, material bélico e território por parte dos russos. Mas este verão a ofensiva foi diferente. Ressentia-se da falta do poder de sustentação que as outras tinham. Os russos, por sua vez, revelaram uma força extraordinária. E pouco depois a avançada nazista tinha se transformado em retirada. Os russos prosseguiram avançando e recapturaram importantes cidades: Orel, Belgrado e outra (Em Guarda ano 12, 1).

As fotografias que fazem parte da reportagem tratam da retomada de regiões da Sicília, especialmente de cidades como Gela ou da recepção da população no desembarque de soldados em Favara ou Palermo, enquanto o texto faz um apanhado dos avanços aliados nos últimos meses, destacando as vitórias no norte da África, os sucessos nas ilhas de Salomão, no Pacífico, e a libertação de cidades na Itália. A ênfase que se dá à resistência soviética em Stalingrado, mesmo que seja citada, é marcada pela estética de ruína e de sofrimento coletivo. Se compararmos com o tipo de menção aos estadunidenses, britânicos ou aliados latino-americanos, como os brasileiros, percebemos que há um tratamento visual e textual diferente. Principalmente, ao mencionar o exército estadunidense, destacam-se trajetórias individuais, com atuações heroicas e inspiradoras.

Para finalizar esta discussão, fazemos menção a outra reportagem que também trata das conquistas e retomadas dos aliados, que traz como imagem principal os líderes Stalin, Roosevelt e Churchill durante a Conferência de Teerã, em novembro de 1943. Com o título: “*A vitória será nossa*”, o texto afirma que as discussões ocorridas no encontro priorizam a construção de estratégias para a derrota nazista e que há planos bem fundamentados para que isso ocorra o mais breve possível. Os três líderes aparecem em destaque na fotografia, transparecendo seriedade e imponência. Exalta-se no texto um trecho da Declaração de Teerã, em que as três lideranças afirmam seu propósito de estabelecer, no pós-guerra, um projeto de paz duradoura. Mais uma vez, a contribuição da União Soviética é citada, porém na condição de um esforço coletivo, sem menções às suas personalidades ou tecnologias militares.



Figura 11: Stalin, Roosevelt e Churchill na Conferência de Teerã, em novembro de 1943.

Fonte: *Em Guarda*, ano 3, n. 4, p. 1.

Durante dois anos e meio, os russos suportam todo o tremendo choque dos ataques feitos por consideráveis forças alemãs e aos poucos conseguiram desenvolver uma contra-ofensiva que levou de vencida o inimigo, expulsando-o de grande parte do território russo por ele conquistado. As perdas sofridas pelos russos, com o sacrifício de milhares de homens, de numerosas cidades totalmente destruídas e com o desmembramento esse agravado pela fome e pelas doenças que predominaram nos territórios ocupados pelo inimigo, serão sentidas durante muitas gerações. [...]. Contudo, mesmo em face de tremendas dificuldades, o povo russo conseguiu restabelecer suas indústrias bélicas e mandou para as frentes de batalha poderosos exércitos cuja ação tem enfraquecido cada vez mais o poder inimigo (*Em Guarda* ano 3, 3).

Enquanto os símbolos políticos, bandeiras ou mesmo imagens de comandantes soviéticos (com exceção de poucas aparições de Stalin) estão ausentes, a exaltação aos símbolos e tecnologias bélicas ocidentais fazem-se presentes nas muitas páginas da revista *Em Guarda*. Retomando Sontag (2003), quando aponta para escolhas políticas que tendem a silenciar e definir quem é digno de lembrança ou celebração, compreendemos a revista *Em Guarda* e o conteúdo por ela veiculado atua como uma mediadora de uma visibilidade alinhada a um projeto de hegemonia estadunidense. Construiu-se uma memória pública que exaltou alguns e silenciou outros, seja no quesito gênero, raça ou mesmo político. Dessa forma, a revista não apenas noticiava a guerra. Seus enquadramentos e ênfases estabeleciam hierarquias entre os diferentes aliados e reforçava a centralidade ocidental e estadunidense no imaginário da vitória e enquanto ator central para um mundo mais humano e pacífico no pós-guerra.

Considerações finais

Ao privilegiar determinados enquadramentos, conteúdos e perspectivas para a veiculação de informações sobre a campanha aliada na Segunda Guerra Mundial, entendemos que a revista *Em Guarda*, que fazia parte do projeto de Boa Vizinhança para a América Latina, tornava-se uma ferramenta estratégica para a difusão de uma memória sobre a guerra que ressaltava a aliança anglo-

americana, e especialmente, pontuava o poder bélico, aspectos morais e preceitos políticos da sociedade estadunidense. Aparentemente sem contradições, dificuldades ou conflitos internos, a necessidade de defesa da democracia e do mundo ocidental aparecia enquanto a grande missão da terra de Tio Sam.

Ao privilegiar certas representações, como as que exaltam a mobilização militar estadunidense e minimizam outras frentes do conflito, ou forças armadas, mesmo sendo essas decisivas para as vitórias da aliança militar dos aliados, percebemos aspectos de uma persuasão política por meio da visualidade contida no conteúdo distribuído no continente latino-americano. Assim, o que se vende como informação e se propõe a suprir a ausência ou as limitadas notícias sobre o conflito, oferecem uma versão específica que visa moldar as percepções e reforçar um imaginário vinculado aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos.

Compreendemos, com mais nitidez, ao elaborar essa análise, sobre a construção dos sentidos e da memória pública que passava pelo conteúdo entregue por meios de comunicação de massa. O modo como determinados aspectos deste conflito tão brutal e complexo foi apresentado para uma população tão diversa como era a brasileira da década de 1940, pode nos apontar caminhos de crítica sobre o modo como tais fatos ainda são vistos por grandes parcelas da sociedade. Além disso, revelam os mecanismos de circulação das informações, que ora exaltam, ora silenciam, e que em momentos excepcionais como uma guerra mundial e total, visam a objetos múltiplos formulados em um clima de incertezas para todos os lados envolvidos.

Referências bibliográficas

- Barbero, Jesus Martin. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- Beevor, Antony. *Stalingrad: The Fateful Siege, 1942–1943*. Londres: Viking Press, 1998.
- Burke, Peter. *Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Butler, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamario e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- Coggiola, Osvaldo. *A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.
- Ferraz, Francisco César. *Segunda Guerra Mundial*. Coleção Temas Fundamentais. São Paulo: Contexto, 2022.
- Han, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- Hobsbawm, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Knightley, Phillip. *A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

- Koselleck, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.
- Judt, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Tradução José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- Lippmann, Walter. *Opinião pública*. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Locastre, Aline V. *Seduções impressas: a veiculação do paradigma estadunidense no Brasil em tempos de Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: CRV, 2017.
- Locastre, Aline. “As promessas da revista “Em Guarda” para o Brasil no pós-guerra (1941-1945)”. *Antíteses*, 8, n. 15 (2015): 488-519.
- Lowe, Keith. *O medo e a liberdade: como a Segunda Guerra Mundial nos transformou*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.
- MacGregor, Morris J., Jr. *Integration of the Armed Forces, 1940–1965*. Washington, D.C.: Center of Military History, United States Army, 1981.
- Mauad, Ana Maria. “Through the Lenses of Good Neighborhood: The Photographer Genevieve Naylor in Brazil (1940–1942).” Em *New Perspectives on the Good Neighbor Policy*, org. Alexandre Busko Valim e Ana Maria Mauad, 51–80. Lanham: Lexington Books, 2023.
- McCombs, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares.” *Revista Brasileira de História*, 23, n. 45 (2003): 11–36.
- Motta, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil, 1917–1964*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- NACP, RG 229, “Activities of the Coordinator of the Inter-American Affairs in Brazil.” Filing Schemes and Projects Notebook, box 941, 21 de abril de 1943.
- Noelle-Neumann, Elisabeth. *A espiral do silêncio: opinião pública: nosso tecido social*. Tradução de Cristian Derosa. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.
- Oliveira Neto, Wilson de. “O invencível exército de Hitler: propaganda de guerra alemã e imprensa periódica em Santa Catarina, durante a Segunda Guerra Mundial.” *Revista Brasileira de História da Mídia*, 8, n. 1 (2019): 161–181.
- Pitillo, João Cláudio Platenik, e Luiz Edmundo Tavares. *O Exército Vermelho na Mira de Vargas*. Rio de Janeiro: Guerra Patriótica, 2022.
- Proulx, Serge. “As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: A institucionalização de um campo de estudo.” Tradução de Edu Jacques. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, 2, no. 4 (2014): 56–64.
- Revista *Em Guarda*. New York: Business Publishers International Corporation, 1941–1945.
- Roper Center for Public Opinion Research. “Nine Historical Polling Results That Might Surprise You.” Ithaca, NY: Roper Center, 2015.
- Rowland, Donald W., dir. *History of the Office of the Coordinator of Inter American Affairs – Historical Reports on War Administration*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1947.
- Sadlier, D. J. *Americans All: Good Neighbor Cultural Diplomacy in World War II*. Austin: University of Texas Press, 2012.

Smith, Richard Cândida. “The ‘Good Neighbor Policy’ in US Politics and Governance.” Em *New Perspectives on the Good Neighbor Policy*, org. Alexandre Busko Valim e Ana Maria Mauad, 19–50. Lanham: Lexington Books, 2023.

Sontag, Susan. *Dante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Tota, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Valim, Alexandre. *O triunfo da persuasão: Brasil, Estados Unidos e o cinema da Política da Boa Vizinhança durante a II Guerra Mundial*. São Paulo: Alameda, 2017.

Visentini, Paulo Fagundes. *A vitória: como a União Soviética salvou a civilização do capitalismo totalitário*. Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2025.

Virilio, Paul. *Guerra e Cinema: Logística da Percepção*. Tradução de Ana Gonçalves. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Recebido: 31 de julho de 2025

Aprovado: 21 de novembro de 2025